



COLEÇÃO
MULHERES RURAIS
NO BRASIL

Mulheres
na Pecuária

***Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Pecuária Sudeste
Ministério da Agricultura e Pecuária***

Mulheres na Pecuária

Claudia De Mori
Danielle Maria Machado Ribeiro Azevêdo
Jorge Luiz Sant'Anna dos Santos
Juliana Alves Dias
Manuela Sampaio Lana
Mariana de Aragão Pereira
Patrícia Goulart Bustamante
Thais Basso Amaral
Helenira Ellery Marinho Vasconcelos
Aline Costa Silva

***Embrapa
Brasília, DF
2023***

Embrapa Pecuária Sudeste
Rodovia Washington Luiz, Km 234, s/nº
Caixa Postal 339, Fazenda Canchim
CEP 13560-970 São Carlos, SP
Fone: (16) 3411-5600
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Responsável pelo conteúdo

Embrapa Pecuária Sudeste

Comitê Local de Publicações

Presidente

André Luiz Monteiro Novo

Secretário-Executivo

Luiz Francisco Zafalon

Membros

Gisele Rosso

Mara Angélica Pedrocchi

Maria Cristina Campanelli Brito

Silvia Helena Piccirillo Sanchez

Editoras técnicas da coleção

Cristina Arzabe

Roselis Simonetti

Responsável pela edição

Embrapa, Superintendência de Comunicação

Coordenação editorial

Daniel Nascimento Medeiros

Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial

Josmária Madalena Lopes

Revisão de texto

Maria Cristina Ramos Jubé

Normalização bibliográfica

Márcia Maria Pereira de Souza

Projeto gráfico e diagramação

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

Capa

Gabriela A. Lehmkuhl

1ª edição

1ª impressão (2023): 500 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa, Superintendência de Comunicação

Mulheres na pecuária / De Mori, Claudia ... [et al.]. – Brasília, DF : Embrapa ,
2023.
60 p. : il. color. ; 16 cm x 22 cm. – (Coleção Mulheres Rurais no Brasil)

ISBN 978-65-5467-011-1

1. Mercado de trabalho. 2. Igualdade de gênero. 3. Sociologia rural. 4. Trabalhador rural. I. De Mori, Claudia. II. Azevêdo, Danielle Maria Machado Ribeiro. III. Santos, Jorge Luiz Sant'Anna dos. IV. Dias, Juliana Alves. V. Lana, Manuela Sampaio. VI. Pereira, Mariana de Aragão. VII. Bustamante, Patrícia Goulart. VIII. Amaral, Thais Basso. IX. Vasconcelos, Helenira Ellery Marinho. X. Silva, Aline Costa. XI. Embrapa Pecuária Sudeste. XII. Coleção

CDD 331.4

Márcia Maria Pereira de Souza (CRB 1/1441)

© Embrapa, 2023

Autores

Claudia De Mori

Engenheira-agrônoma, doutora em Engenharia de Produção, pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP

Danielle Maria Machado Ribeiro Azevêdo

Médica-veterinária, doutora em Zootecnia, pesquisadora da Embrapa Meio-Norte, Teresina, PI

Jorge Luiz Sant'Anna dos Santos

Cientista social, doutor em Ciências Sociais, pesquisador da Embrapa Pecuária Sul, Bagé, RS

Juliana Alves Dias

Médica-veterinária, doutora em Ciência Animal, pesquisadora da Embrapa Rondônia, Porto Velho, RO

Manuela Sampaio Lana

Administradora de empresas, mestre em Administração, analista da Embrapa Gado de Leite, Juiz de Fora, MG

Mariana de Aragão Pereira

Zootecnista, Ph.D. em Agricultural Management, pesquisadora da Embrapa Gado de Corte, Campo Grande, MS

Patrícia Goulart Bustamante

Engenheira-agrônoma, doutora em Bioquímica, pesquisadora da Embrapa Alimentos e Territórios, Maceió, AL

Thais Basso Amaral

Médica-veterinária, doutora em Ciências Geográficas, pesquisadora da Embrapa Agricultura Digital, Campinas, SP

Helenira Ellery Marinho Vasconcelos

Engenheira-agrônoma, doutora em Sociologia, pesquisadora da Embrapa Agroindústria Tropical, Fortaleza, CE

Aline Costa Silva

Engenheira de alimentos, mestre em Ciência e Tecnologia dos Alimentos, pesquisadora da Embrapa Ovinos e Caprinos, Sobral, CE

Apresentação

Da produção à comercialização, as mulheres sempre ajudaram a pavimentar o caminho da agricultura no País, tanto para um extrativismo sustentável, como para uma agricultura produtiva. No entanto, apesar da multiplicidade de papéis que desempenham e das responsabilidades que assumem, sua participação sempre foi marcada pela invisibilidade.

Esta Coleção Mulheres Rurais no Brasil, escrita por muitas mãos, traz luz a esta questão, contextualizando a participação das mulheres na agricultura, como extrativistas, trabalhadoras e dirigentes de estabelecimentos rurais nas diferentes regiões do País, e mostrando seu envolvimento nas diferentes etapas do processo de produção, desde a primária até a de agregação de valor, assim como na representação e liderança de organizações do setor. Destaca os desafios enfrentados por elas na sucessão das propriedades e no desempenho de atividades que eram consideradas masculinas pelo senso comum. Demonstra a importância das tecnologias para otimizar a execução das tarefas, trazendo facilidade e conforto na realização das tarefas exaustivas, que necessitam esforço físico; para poupar tempo, recurso escasso para quem desempenha múltiplas tarefas, e também para assegurar a qualidade e agregar valor à produção. E, apresenta, ainda, o envolvimento das mulheres na geração e difusão dessas tecnologias.

Todos esses temas são evidenciados por casos reais de produtoras que atuam nessas atividades, e, assim, inspiram e enriquecem o debate acerca do valor do trabalho feminino para agricultura.

Para compor este trabalho e agregar o mosaico de assuntos, foram envolvidas diferentes Unidades da Embrapa, o que demonstra a importância e a amplitude do tema nas principais cadeias extrativistas e produtivas. É um primeiro passo para a internalização do assunto na Embrapa, de forma a orientar o delineamento das pesquisas, o desenvolvimento de tecnologias e a avaliação dos seus impactos na sociedade.

Silvia Maria Fonseca Silveira Massruhá

Presidente da Embrapa

Prefácio

As mulheres rurais são as guardiãs dos sistemas agroalimentares e do desenvolvimento sustentável do campo, das águas e das florestas. Desempenham papel fundamental no sistema agroalimentar, uma vez que contribuem diretamente para a erradicação da fome, a redução da pobreza e a adaptação às mudanças climáticas. Elas exercem também importante papel na preservação da biodiversidade e garantem a soberania e a segurança alimentar e nutricional ao se dedicar a produzir alimentos saudáveis e nutritivos.

O sistema agroalimentar é entendido como um processo complexo que envolve várias etapas, como: o acesso à terra, à água e aos meios de produção; as formas de processamento, abastecimento, comercialização e distribuição de alimentos; a escolha, o preparo e o consumo dos alimentos, incluindo as práticas alimentares individuais e coletivas; e, por fim, a geração e destinação de resíduos. Esse sistema reúne diversos elementos e ações que consideram também os resultados dessas atividades, sejam eles de dimensão socioeconômica, sejam de dimensão ambiental.

Na região da América Latina e do Caribe, 58 milhões de mulheres vivem em áreas rurais. No Brasil, segundo o Censo Agropecuário de 2017, 947 mil mulheres são diretamente responsáveis pela gestão de propriedades rurais e

outras 817 mil participam da gestão compartilhada, representando 1,7 milhão de mulheres na direção e codireção de estabelecimentos agropecuários. Em relação àquelas diretamente responsáveis pela gestão dos estabelecimentos rurais, a maioria está na região Nordeste (57%), seguida por Sudeste (14%), Norte (12%), Sul (11%) e Centro-Oeste, que concentra 6%.

Embora se saiba a importância das mulheres rurais nesse âmbito e as atividades que desempenham, elas ainda vivem em situação de desigualdade social, política e econômica. Têm as maiores taxas de pobreza, enfrentam dificuldades ao acessar serviços de saúde e sofrem diversas situações de violência e de insegurança alimentar e nutricional. Além disso, elas têm menos acesso a recursos produtivos, como terra, crédito e capacitação.

Visando contribuir para a mudança desse cenário, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) reconhece que alcançar a igualdade de gênero é fundamental para o cumprimento de seu mandato de um mundo livre da fome, da desnutrição e da pobreza. E ainda constata que as desigualdades persistentes entre mulheres e homens são um grande obstáculo à prática da agricultura e ao desenvolvimento rural. É fundamental a eliminação dessas disparidades, para a construção de sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos e de sociedades resilientes e pacíficas¹.

¹ <http://www.fao.org/3/cb1583en/cb1583en.pdf>

Promover a igualdade entre mulheres e homens fortalece iniciativas e ações que geram o acesso igualitário à informação, à capacitação e às oportunidades. A igualdade de gênero requer condições semelhantes entre mulheres e homens no processo de tomada de decisões; no exercício dos direitos humanos; no acesso a recursos e benefícios de desenvolvimento, bem como na administração das propriedades e nas oportunidades no local de trabalho, e também em todos os aspectos relacionados aos meios de subsistência. Ademais, é importante promover a igualdade de gênero de uma perspectiva interseccional, reconhecendo que as mulheres rurais são afetadas por diversas formas de discriminação, como a discriminação de gênero, raça e etnia.

Nesse contexto, a Coleção Mulheres Rurais no Brasil representa uma etapa inovadora, pois traz uma abordagem que leva em consideração as diferentes experiências e necessidades das mulheres rurais em suas diversas realidades. Trata-se de uma importante contribuição da Embrapa e do Brasil para o alcance das metas propostas pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), das quais 30 estão relacionadas à igualdade de gênero, bem como para o cumprimento das metas estabelecidas para a Década da Agricultura Familiar (2019-2028).

Úrsula Andressa Morais Zacarias
Ponto Focal de Gênero da FAO no Brasil

Sumário

- 13** Introdução
- 15** Mulheres na pecuária: alguns dados
- 27** Mulheres na agregação de valor a produtos da pecuária
- 32** Sucessão nas propriedades: jovens mulheres na pecuária
- 36** Mulheres nas organizações sociais
- 41** Inovações e as mulheres na pecuária
- 47** Mulheres na pecuária: pesquisa, extensão e assistência técnica
- 50** Bovinocultura de corte: o pioneirismo da mulher na atividade pecuária
- 53** Considerações finais
- 58** Referências

Introdução

As mulheres desempenharam um papel muito importante na domesticação de animais, em especial, na interação entre humanos e lobos (os primeiros animais domesticados) e no cuidado com filhotes. Até hoje, em algumas criações como o gado de leite, as tarefas de cuidados com bezerros são responsabilidade das mulheres em função de sua habilidade e dedicação. Mas não só isso! Há muito tempo elas atuam diretamente em todas as fases da criação e passaram a assumir papéis-chave nos diferentes segmentos da pecuária.

Embora as mulheres sempre tenham ocupado um papel importante na criação de animais, a atividade pecuária é compreendida, no senso comum, como uma atividade masculina. Em geral, observam-se papéis de gênero distintos na produção pecuária, os quais variam com as espécies e os contextos regionais. No entanto, a produção pecuária é uma ocupação diária, contínua e sem restrições sazonais, que envolve todos os membros da família sem limitações de gênero.

Poucos trabalhos mostram a contribuição das mulheres na produção agroalimentar, no manejo sustentável dos recursos naturais, nas organizações sociais e tantas outras atividades da produção pecuária. Além de maior envolvimento delas nas atividades de preparo de alimentos, limpeza e cuidados com crianças e idosos, as mulheres se de-

dicam intensamente à produção para autoconsumo (horta e criação de animais) e às atividades de agroindustrialização da produção e venda direta ao consumidor, além das atividades da produção pecuária propriamente dita.

Aspectos culturais e normas sociais fizeram com que a contribuição econômica das mulheres na produção fosse ignorada e mantiveram o status de seu trabalho como complementar ao trabalho executado pelo homem, este último mais respeitado e valorizado. Esse contexto teve como consequência a imposição de limites às mulheres no acesso a recursos, serviços, treinamentos e na sucessão familiar, o que estabeleceu desigualdades de gênero no meio rural.

Este texto apresenta alguns dados sobre a participação das mulheres na atividade pecuária, discute seu envolvimento no processo de agregação de valor, participação em organizações e na geração, difusão e adoção de tecnologias, bem como na sucessão das propriedades e no pioneirismo na atividade pecuária. Esses temas são abordados com exemplos reais de mulheres que cotidianamente comprovam que “Pecuária é trabalho de mulher sim!”.

Mulheres na pecuária: alguns dados

Dados sobre o papel e a participação de mulheres na pecuária no Brasil ainda são raros e recentes. No entanto, são muito importantes para dar visibilidade e suporte ao planejamento de políticas públicas direcionadas a elas. Estes revelam a contribuição econômica e social das mulheres nos diferentes setores e possibilitam compreender as desigualdades entre mulheres e homens no acesso a recursos e oportunidades, bem como as dificuldades enfrentadas por elas no processo produtivo.

O Censo Agropecuário realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017 permitiu avaliar a presença de mulheres na condição de dirigentes de estabelecimentos rurais e na condição de pessoal ocupado (mão de obra feminina). Tal caracterização é importante para entender as especificidades desses estabelecimentos e o papel deles na produção pecuária.

Segundo os dados do Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2022), o Brasil possuía 5,07 milhões de estabelecimentos agropecuários, dos quais 48,9% (2,48 milhões) voltados à pecuária e criação de outros animais. A maioria dos estabelecimentos de pecuária (81,6%) estavam sob gestão masculina. Somente 18,2% (450 mil) dos estabelecimentos de pecuária estavam sob gestão feminina (Figura 1).



Figura 1. Número de estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres.

Fonte: IBGE (2022).

Juntos, os estabelecimentos de pecuária dirigidos por mulheres somaram 21,6 milhões de hectares, o que correspondia a apenas 9,7% da área total das propriedades de pecuária do País, com destaque para a região Sul, onde as propriedades sob direção feminina correspondiam a 11,2% da área total dos estabelecimentos de pecuária e criação de outros animais, embora fosse a menor área entre as regiões (Figura 2).

Na grande maioria (83,3%), as mulheres se declararam proprietárias das terras, mas 71,2 mil mulheres (15,8%) não possuíam a posse da propriedade em que desenvolviam suas atividades; eram concessionárias ou assentadas, aguardando titulação definitiva, arrendatárias, parceiras, comodatárias, ocupantes ou produtoras sem-terra. Na região Centro-Oeste, esse percentual era de 21,0% (9.527 estabelecimentos dirigidos por mulheres não proprietárias) e, na região Nordeste, de 16,5% (40.146 estabelecimentos dirigidos por mulheres não proprietárias).

Norte	4.619.620 ha 9,3%
Nordeste	4.494.359 ha 10,0%
Centro-Oeste	7.382.656 ha 9,4%
Sudeste	3.288.873 ha 9,7%
Sul	1.829.152 ha 11,2%

Figura 2. Área (ha) de estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres e percentual de participação na área total dos estabelecimentos pecuários por região.

Fonte: IBGE (2022).

Embora representem menos de 10% da área total das propriedades de pecuária, esses estabelecimentos empregavam quase um terço (29,6%) do pessoal ocupado neste grupo de atividade econômica, ou seja, 2,02 milhões de pessoas. Na região Sul, o pessoal ocupado por propriedade com atividade pecuária sob direção feminina totalizava 39,6% do pessoal ocupado deste grupo de atividades, enquanto no Centro-Oeste representava 17,0% (Figura 3).

As propriedades sob liderança feminina (1,3 pessoa por estabelecimento) possuem médias de pessoal ocupado por estabelecimento menores que propriedades sob direção masculina (2,0 pessoas por estabelecimento). Nessa relação, as médias nos estabelecimentos dirigidos por mulheres e homens foram similares entre as regiões (Figura 4).

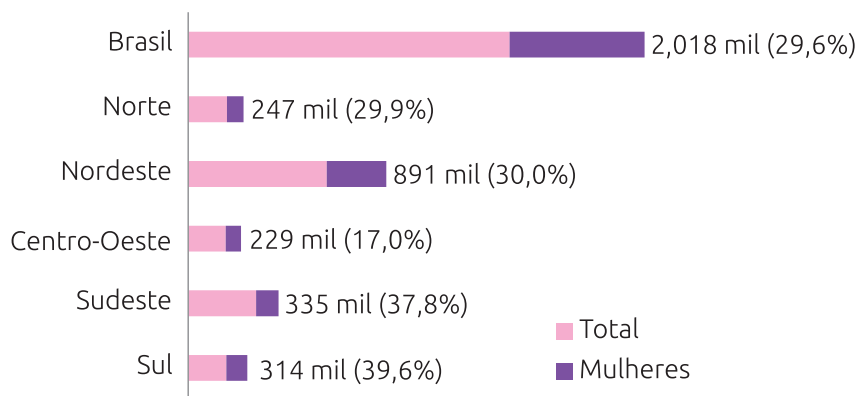


Figura 3. Pessoal ocupado em estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres (número de empregos e percentual sobre o total).

Fonte: IBGE (2022).

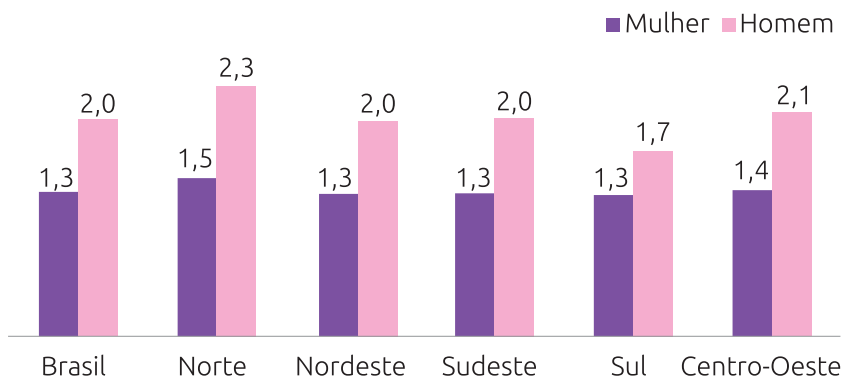


Figura 4. Pessoal ocupado em estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres e homens (número de empregados por estabelecimento, valores médios).

Fonte: IBGE (2022).

Em termos de distribuição, a região Nordeste concentra mais da metade dos estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres (53,8%), seguidos pela região Sudeste (16,5%), Sul (10,4%), Centro-Oeste (10,2%) e Norte (9,2%) – Figura 5.

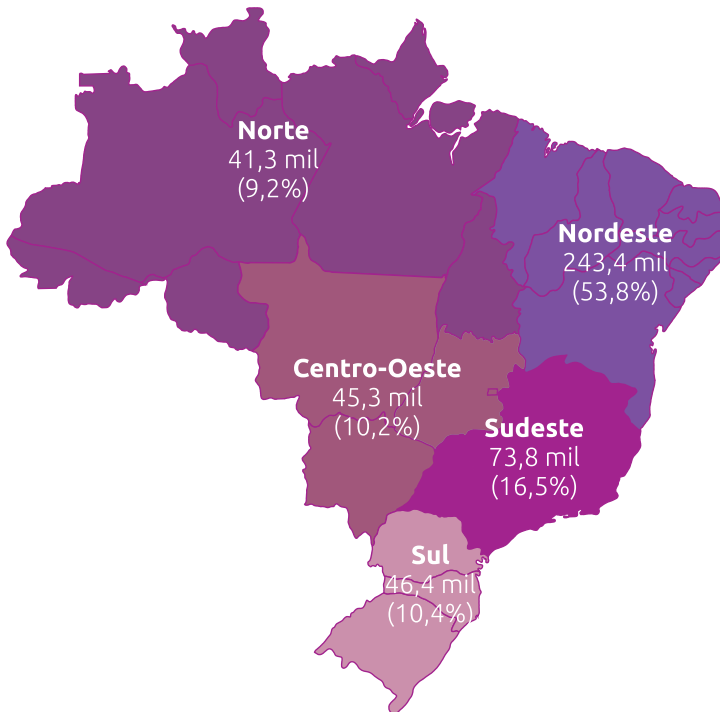


Figura 5. Número e percentual de participação de estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres por região.

Fonte: IBGE (2022).

Em termos de participação regional, também é na região Nordeste que os estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres são mais representativos, respondendo por 23,0% do total desses estabelecimentos no segmento. Na região Norte, esses estabelecimentos equivalem a quase um quinto (19,3%) dos estabelecimentos pecuários da região (Figura 6).

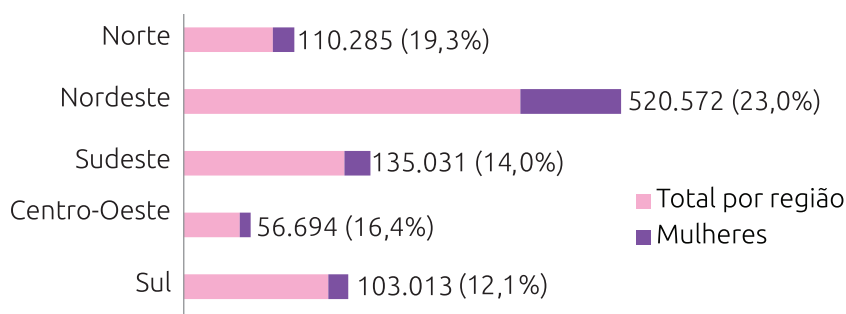


Figura 6. Percentual de participação dos estabelecimentos dirigidos por mulheres dentro do total de estabelecimentos em cada região.

Fonte: IBGE (2022).

O perfil dessas mulheres dirigentes das propriedades é um pouco mais jovem quando comparado aos homens. Quase 30% tinham menos de 35 anos. Já no grupo de homens, o percentual dessa faixa etária foi de 24,3%. As regiões Norte e Nordeste concentram perfis mais jovens. Os estabelecimentos sob direção feminina são majoritariamente de agricultura familiar.

O percentual de propriedades de pecuária sob direção feminina de base familiar (78,1%) é maior quando comparado ao grupo de propriedades sob direção masculina (74,0%). Nas regiões Sul e Nordeste, os estabelecimentos

sob direção feminina de base familiar corresponderam a mais de 80% do total (80,8% e 80,7%, respectivamente). A região Centro-Oeste possui menor percentual entre as regiões (69,4%) – Figura 7.

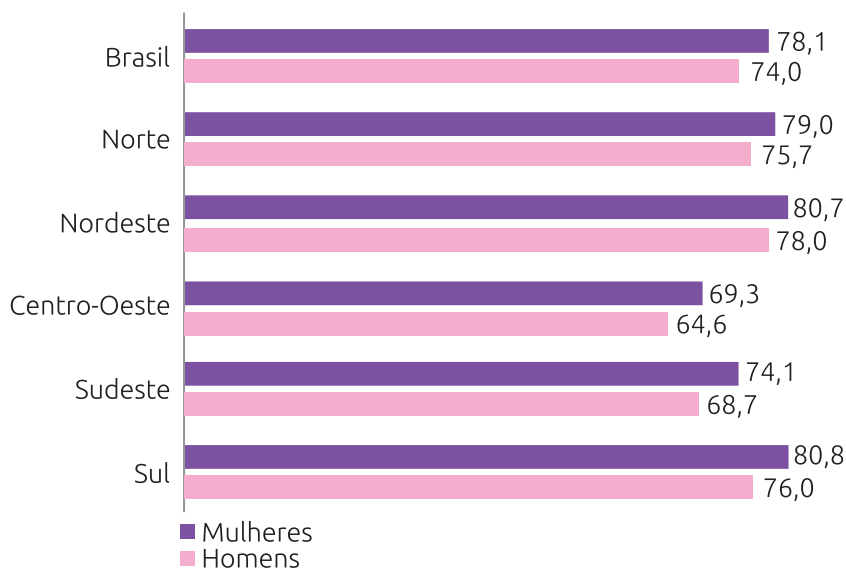


Figura 7. Percentual de estabelecimentos pecuários de base familiar dirigidos por mulheres e homens.

Fonte: IBGE (2022).

Com relação ao tamanho das propriedades, estabelecimentos pecuários dirigidos por mulheres tinham área média de 48,0 hectares por propriedade, o que corresponde à metade da área média de propriedades pecuárias dirigidas por homens (94,9 hectares por propriedade) – Figura 8. Na região Nordeste, esta diferença é maior, chegando a 1,5 vezes mais. A região Centro-Oeste apresentou

a maior área média por propriedade (162,8 hectares por estabelecimento).

Em termos de perfil de espécies criadas, a criação de bovinos ocorre em metade das propriedades sob direção de mulheres (50,6%), provavelmente associada à produção de leite para consumo próprio; e a criação de aves ocorre em mais de um terço (37,1%) dessas propriedades, possivelmente por se tratar de animais de pequeno porte com fornecimento de ovos e proteína animal para consumo

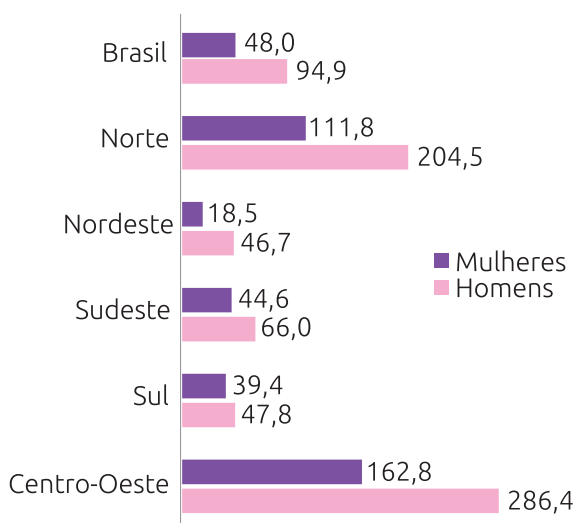


Figura 8. Área média por estabelecimentos pecuários (hectare por propriedade) dirigidos por mulheres e por homens, por região.

Fonte: IBGE (2022).

próprio. Além de bovinos e aves, a criação de suínos (5,8%), ovinos e caprinos (5,7%) e peixes em água doce (0,4%) também foi observada nos estabelecimentos com atividade pecuária sob direção feminina.

As propriedades dirigidas por mulheres representavam 13,3% do total de propriedades com registro de criação de bovinos, perfazendo 225.293 estabelecimentos (Figura 9).

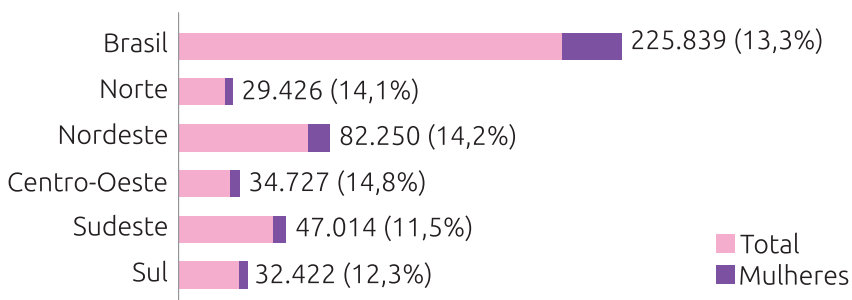


Figura 9. Número de estabelecimentos dirigidos por mulheres com registro de criação de bovinos e percentual sobre o total de estabelecimento com registro de criação de bovinos de cada região.

Fonte: IBGE (2022).

Em termos de distribuição espacial, a maior parte desses estabelecimentos estava na região Nordeste (82,2 mil, 14,2%), seguida pelas regiões Sudeste (47,0 mil, 11,5%), Sul (32,4 mil, 12,3%), Centro-Oeste (34,7 mil, 14,8%) e Norte (29,4 mil, 14,1%). A criação de bovinos foi mais representativa para as propriedades pecuárias sob direção feminina nas regiões Centro-Oeste (76,6% das propriedades dirigidas por mulheres tiveram registro de criação de

bovinos), Norte (71,7%) e Sul (70,0%). Na região Nordeste, a criação bovina esteve presente em somente 34,3% das propriedades pecuárias dirigidas por mulheres.

A criação de aves foi registrada em 165.293 estabelecimentos dirigidos por mulheres, o que representava 32,87% do total de estabelecimentos em que a criação foi registrada (Figura 10). A região Nordeste concentrava dois terços (67,9%) das propriedades sob direção feminina com registro de avicultura e tais propriedades representavam 37,5% do total de propriedades com registro de criação de aves na região.

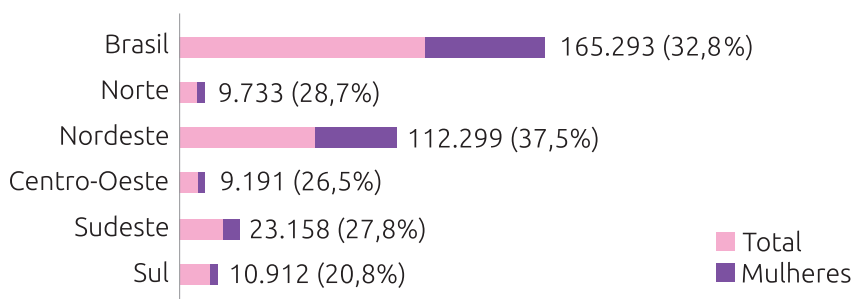


Figura 10. Número de estabelecimentos dirigidos por mulheres com registro de criação de aves e percentual sobre o total de estabelecimento com registro de criação de aves de cada região. Fonte: IBGE (2022).

Pouco mais de um quinto das propriedades de pecuária dirigidas por mulheres apresentou criação de suínos (26.051 estabelecimentos, 23,7%). Mais de dois terços dessas propriedades pertenciam à região Nordeste (75,6%). Nessa região, a participação desses estabelecimentos totalizou 27,2% do total com registro de suínos na região (Figura 11).

Mulheres na Pecuária

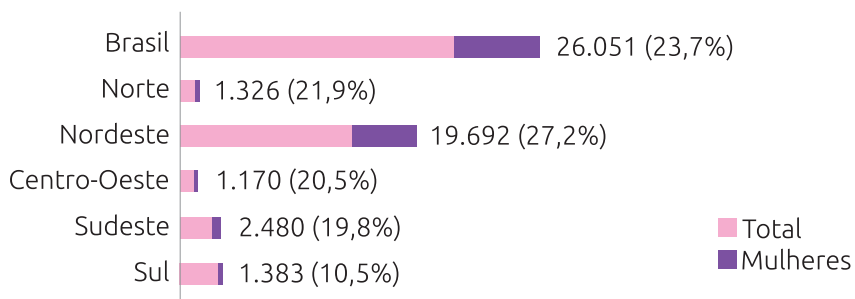


Figura 11. Número de estabelecimentos dirigidos por mulheres com registro de criação de suínos e percentual sobre o total de estabelecimento com registro de criação de suínos de cada região.

Fonte: IBGE (2022).

Um total de 25.239 estabelecimentos dirigidos por mulheres tinham criação de ovino e/ou caprinos, o que representava 21,4% do total de estabelecimentos com registro de produção da espécie no País (Figura 12). A região Nordeste concentrava 94,3% do grupo de propriedades

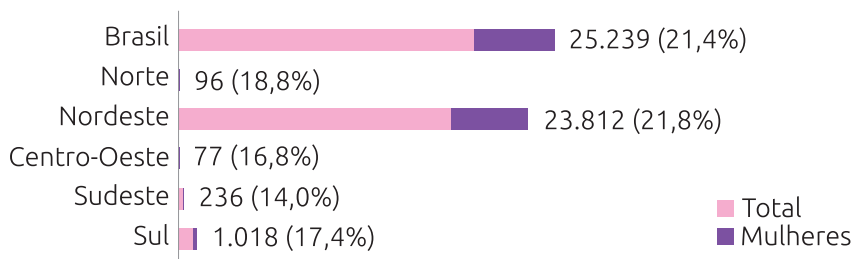


Figura 12. Número de estabelecimentos dirigidos por mulheres com registro de criação de ovinos e percentual sobre o total de estabelecimento com registro de criação de ovinos de cada região.

Fonte: IBGE (2022).

sob direção feminina com registro de ovinos e/ou caprinos, as quais totalizavam 21,8% do total de propriedades da referida região. A região Sul representava 4,0% dos estabelecimentos dirigidos por mulheres com criação de ovino e/ou caprinos e 17,4% do total de estabelecimentos da região.

A atividade de pesca é bastante reduzida e concentrada nas regiões Norte e Nordeste. Somente 1.738 estabelecimentos dirigidos por mulheres registraram a criação de peixes, o que representou 21,6% do total de estabelecimentos de cultivo de peixe no País (Figura 13). A região Norte concentrou a maioria desses estabelecimentos (59,7%), seguida pela região Nordeste (33,9%). Os estados do Pará (34,5%) e do Amazonas (22,2%) foram os com maior presença dessas propriedades.

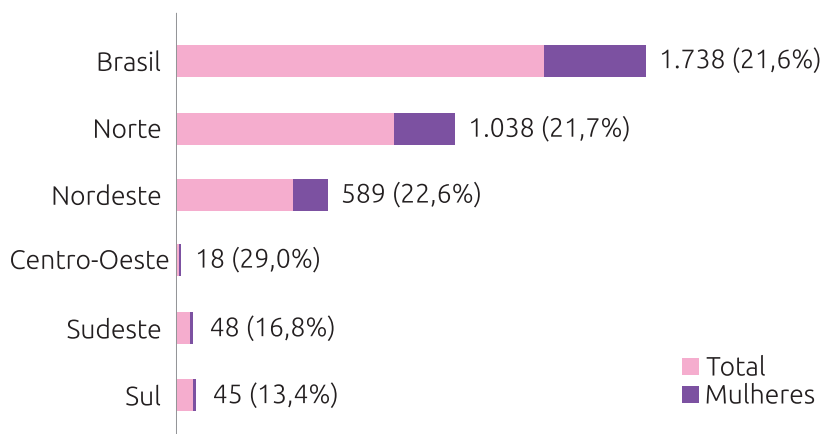


Figura 13. Número de estabelecimentos dirigidos por mulheres com registro de criação de peixes e percentual sobre o total de estabelecimento com registro de criação de peixes de cada região.

Fonte: IBGE (2022).

Mulheres na agregação de valor a produtos da pecuária

A participação das mulheres na ampliação da geração de renda e na agregação de valor nas propriedades tem sido fundamental. Comprometidas com melhorias de qualidade dos produtos e dos processos produtivos, e no atendimento de novas demandas da sociedade, elas têm sido protagonistas no desenvolvimento de atividades não agrícolas (agroindustrialização, produtos territoriais e de procedência, artesanato, turismo rural, serviços ambientais, entre outros), na implantação de ações de gestão e na criação de valor nas propriedades.

Jaqueline Ceretta é um exemplo dessas mulheres fortes e atuantes na atividade leiteira. Filha única de produtores de leite, divide com seus pais as tarefas e o gerenciamento da propriedade familiar, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul. Formada em Química e especializada em Gestão, licenciamento e auditoria ambiental, frequenta cursos de aperfeiçoamento de várias áreas com os pais, introduzindo melhorias em vários aspectos. Ela destaca que o papel da mulher é fundamental e indispensável na atividade.

Ela consegue ter percepções que passam despercebidas por homens. É notável a diferença entre mulheres e homens em tarefas que exigem mais acuidade, como ordenha e cuidados com o bezerreiro. A incidência de doenças em berçários é menor quando é a mulher que cuida.

Além de produtora rural, Jaqueline é empreendedora: proprietária de marca que cria e comercializa produtos direcionados para as mulheres produtoras de leite; e influencer digital, com um alcance de mais de 1,2 milhão de pessoas por mês, dedicando-se à valorização e ao empoderamento da mulher rural. Nesse sentido, ela as incentiva a ocupar o seu espaço, a mostrar suas competências e, ainda, a se valorizarem como mulheres, realçando sua feminilidade e beleza, tal como as mulheres urbanas, o que contribui para melhorar sua autoimagem e autoestima. Ela conta que responde cerca de 2.400 mensagens por semana e que cerca de 90% delas são de meninas e mulheres em conflito íntimo, que desejam continuar na atividade, mas não se encaixam no antigo estereótipo de mulher rural, dedicada somente ao trabalho e à família, sem tempo para si e para exercer suas preferências pessoais. Esses anseios são mais comuns do que se imagina e, se espelhando em Jaqueline, elas criam coragem para, aos poucos, quebrar barreiras, especialmente culturais, e transformar a atividade rural em um ambiente mais equilibrado e isonômico.

Foi à nora, Rita de Cássia Ribeiro, que o Sr. Darci confiou sua produção de queijo artesanal, em Alagoa, Minas Gerais, há 10 anos (Figura 14). Rita, pedagoga de forma-

Foto: Rita de Cássia Ribeiro



Figura 14. Rita de Cássia Ribeiro, produtora e mestre queijeira, Alagoa, MG.

ção, deixou a sua profissão em uma cidade vizinha quando se casou com Marcos, filho do Sr. Darci e também produtor de leite familiar. Nessa época, o produtor já destinava metade da produção de leite para a fabricação de queijo artesanal. O Sr. Darci reconheceu em Rita características únicas e preciosas que levariam o seu queijo Garrafão a ser mundialmente reconhecido e premiado, como de fato

aconteceu nos anos que se seguiram ao seu falecimento. Rita é uma dessas mulheres que impressionam por sua garra, sua vontade permanente de aprender, perspicácia e capacidade de realização. Mãe de duas crianças pequenas – Aruna, de 3 anos, e Moisés, de 5 meses - ela e o marido trabalham sozinhos na propriedade leiteira e contam com a ajuda da sogra, Dona Rose, no cuidado com as crianças. Hoje, toda a produção é destinada à fabricação do queijo Garrafão, ganhador de inúmeros prêmios nacionais e internacionais, e tema de inúmeras matérias jornalísticas. Além de produtora de leite e queijo, Rita é uma comunicadora habilidosa, entusiasta do queijo artesanal. Participa ativamente na busca de progresso para a sua comunidade e para o setor, inspirando as pessoas por onde passa. Em 2020, ela e sua comunidade obtiveram uma grande conquista – a criação do selo Queijo Artesanal de Alagoa, que garante a qualidade e origem do produto, agregando ainda mais valor a ele.

Rosevania Viera da Silva Leite é uma mulher do Agreste Alagoano, que há 30 anos comprou a sua primeira cabra com o objetivo de garantir a alimentação da filha que acabara de nascer (Figura 15). Nascida em Arapiraca, AL, Rosivania se mudou para Limoeiro de Anadia, AL, onde vive até hoje, e produz e comercializa leite e derivados de cabra, agregando valor e gerando renda para sustentar a família. Desde 2010, ela começou a se envolver nas exposições de caprinos na região Nordeste, buscando meios para melhorar a qualidade de vida das famílias da região do agreste e do sertão. Atualmente, ela é presidente da

Foto: João Luiz Santos Silva



Figura 15. Rosevania Viera da Silva Leite, produtora, Limoeiro de Anadia, AL.

Associação de Agricultores Alternativos (Aagra), uma organização formada por agricultores familiares que conta com uma estrutura física para capacitações visando à ela-

boração de produtos à base de leite de cabra. Quanto à atuação da mulher na pecuária, Rosevania acredita que elas se destacam em tudo que precisa de cuidado atencioso, como a ordenha e o trato diário com os animais. Para ela, acarinhar um animal é como uma terapia que faz bem para a alma. Outra coisa que faz sua voz ficar mais firme e feliz é quando fala do atendimento às crianças com restrições alimentares, cujas famílias não têm condições de comprar os produtos em pó. E, para ajudar essas famílias, ela fornece leite e produtos derivados bem fresquinhos.

Sucessão nas propriedades: jovens mulheres na pecuária

Criadas, em grande parte, nos limites da propriedade rural, mas desde cedo sintonizadas com as conquistas que as mulheres vêm obtendo na ocupação de espaços até então com interferência quase que exclusivamente masculina, toda uma geração de mulheres vem assumindo destacados papéis na atividade agropecuária. Dois importantes fatores têm acelerado esse movimento: a dedicação das mulheres aos estudos, com ingresso maciço no ensino superior, inclusive para formação em carreiras com histórico predomínio dos homens, como Engenharia Agrônômi-

ca, Engenharia Civil e Engenharia de Produção, Medicina Veterinária, Zootecnia e Administração; e a sua sintonia e abertura ao progresso tecnológico que tem transformado a produção no campo e a forma como as propriedades têm incorporado ferramentas inovadoras de gestão.

Esse investimento é tão mais bem sucedido quanto essa nova geração é incentivada pela família. Tal situação ocorre em todos os estratos de renda familiar, em propriedades de todos os tamanhos. Aqui o elemento definidor da sucessão na propriedade parece ser as relações mais liberais que possam ser estabelecidas entre pais e filhas.

Tomemos três exemplos. O primeiro, uma pequena propriedade de 301 ha no município de Ijuí (Agropecuária São Joaquim), microrregião noroeste do Rio Grande do Sul, que há muito se dedicava à atividade de produção de leite e plantio de soja, milho, trigo e cevada, gerida pelo pai, com a colaboração da filha única, Mariele Cezimbra Lopes (Figura 16). Esta, aos 25 anos, formou-se em Agronomia e, aos poucos, trouxe novas ideias para a gestão do negócio, inclusive a transição do sistema produtivo familiar de gado de leite para gado de corte, oportunidade que foi amadurecendo nos contatos com professores e colegas da universidade. Além disso, imprimiu uma gestão profissional, baseada nos registros de todas as informações relativas às atividades desenvolvidas na propriedade. Em 2020, a propriedade trabalhava com 150 cabeças de gado, e a gestora havia comprado um caminhão e mais 8 ha de terra, entusiasmada com o resultado da utilização de uma



Foto: Lucas Moresco

Figura 16. Mariele Cezimbra Lopes, pecuarista, Ijuí, RS.

forrageira de verão, o capim sudão BRS Estribo da Embrapa. Nessa ocasião, o pai praticamente havia lhe entregue toda a gestão da propriedade.

Um segundo caso se encontra em uma propriedade de mil hectares (Rincão dos Touros), que atua em maior escala com gado de corte e plantio de soja, localizada no município de Bagé, RS, na Campanha Gaúcha. Durante os estudos de Medicina Veterinária, Lieli Borges Severo Pereira se envolveu com o trabalho na fazenda, apoiada pelo pai, que fazia a gestão. O pai foi acometido de uma doença que fez com que ele se afastasse, mas continuou a dedicar-se à gestão. Na medida em que se aproximava a formatura, a filha foi obrigada a assumir novos encargos na fazenda. Com a morte prematura do pai, ela passou a assumir toda a gestão, transferindo-se da cidade para a fazenda. Essa é uma situação que não é incomum: a sucessão antecipada pela viúva, em razão de invalidez ou morte do pai-gestor, garante que o controle da propriedade permaneça na família, mas, em um crescente número de casos, esse controle passa a ser assumido por uma filha, no caso de impossibilidade da mãe e dos irmãos homens.

Um terceiro caso, bastante diferente dos anteriores com relação ao aspecto da trajetória de vida, mostra Lucy de Fátima Araújo de Armas, pequena produtora rural no município de Jaguarão, RS, na fronteira com o Uruguai, que junto com o marido trabalham em uma propriedade com 140 ha, dos quais 10 ha são arrendados. No seu estabelecimento rural, criam gado de corte e ovinos.

Parte importante da propriedade é arrendada para outro produtor para o plantio de soja, entre outubro e abril. Lucy assumiu a criação e a comercialização de cordeiros. Interessou-se particularmente pela introdução de um gene no rebanho de ovinos (gene Booroola, tecnologia importada da Austrália, adaptada às condições dos campos do Sul do Brasil pela Embrapa Pecuária Sul), que aumenta a prolificidade nas ovelhas, o que permite maior repetição de partos múltiplos (com dois, três, até quatro cordeiros). Nessa última safra (2022), Lucy possuía um rebanho de 66 ovinos adultos e 80 cordeiros.

As três situações indicam trajetórias, gerações e experiências diversas e apontam para um caminho irreversível para a pecuária, que se abre, cada vez mais, para as inovações e o protagonismo das mulheres.

Mulheres nas organizações sociais

A participação das mulheres nas organizações, em especial, nos movimentos, sejam esses independentes ou no escopo das cooperativas, associações e sindicatos, tem contribuído para o empoderamento feminino, resultando em maior atuação na gestão da propriedade rural e em instituições.

Embora sejam observados avanços da participação feminina na produção pecuária e nas organizações, a presença de mulheres na alta direção das 60 principais associações de criadores e/ou cooperativas com atuação em pecuária no Brasil representa 3,4% do total de membros. Destaques para a primeira mulher eleita presidente da Associação Sulista de Criadores de Búfalos (Ascribu), em 2021, Desireé Hastenpflug Möller; e para a presidente da Associação dos Criadores de Ovinos e Caprinos do Município de Betânia do Piauí (Ascobetânia) no período de 2019 a 2022, Francisca Neri (Figura17).

Foto: José Mirionaldo Rodrigues Macedo



Figura 17. Francisca Neri, produtora e liderança rural, Betânia do Piauí, PI.

Francisca Neri é filha de produtores rurais de Betânia do Piauí, PI, produtora de ovinos, e iniciou no associativismo aos 16 anos como secretária da Ascobetânia, momento em que havia se casado e tido a primeira filha. A oportunidade surgiu por uma demanda do projeto Viva o Semiárido, para que mulheres e jovens participassem da diretoria da associação. Francisca foi preparada pelos dirigentes da Ascobetânia da época e, ao completar 18 anos, assumiu a presidência da associação. Atualmente, é secretária da agricultura de Betânia, vice-presidente da Ascobetânia, e atua como conselheira da Cooperativa dos Produtores Rurais da Chapada Vale do Itaim (Coovita). Para Francisca, sua vida gira em torno da agricultura familiar, e a organização coletiva é a sua ferramenta de transformação dos produtores e da realidade local. As ações da Ascobetânia resultaram no fortalecimento do setor produtivo do município por meio da adoção de tecnologias e organização da produção e comercialização, um exemplo para outras regiões e países em que predominam as unidades de produção familiar. Francisca destaca que as ações da associação estão reduzindo o êxodo rural e aumentando a participação de mulheres e jovens na atividade e na gestão da organização. Quanto aos desafios, ressalta o fato de a mulher precisar provar o tempo todo que é capaz de executar atividades técnicas e de liderança e o avanço do empoderamento das produtoras da região e do despertar de seu potencial por meio de capacitações, de atividades coletivas e da fraternidade presente no grupo. Atualmente, há um estatuto criado pelas mulheres da Ascobetânia baseado na proteção e na equida-

de de gênero. Para Francisca, a mulher nas organizações é um novo necessário, por sua sensibilidade para conduzir as situações, maior capacidade de organização, visão de futuro e ocupação de espaços essenciais, além de integração da família no negócio. Francisca foi reconhecida pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), em 2022, como uma das líderes da ruralidade.

Dados do anuário do cooperativismo brasileiro de 2020 apontam que a participação de mulheres em cooperativas no ramo agropecuário foi de 15% (Organização das Cooperativas do Brasil, 2020). Contudo, iniciativas para o fortalecimento da atuação feminina têm se estruturado ao longo dos anos, como o exemplo da Mulher Cooperativista da Castrolanda, movimento iniciado em 2010 e cuja comissão foi considerada referência nacional pela Organização das Cooperativas do Brasil (OCB). O cooperativismo feminino tem atuado na transferência de conhecimento, no desenvolvimento da habilidade de liderança e em formações sobre o cooperativismo visando preparar mulheres rurais para atuar em direção e liderança.

A busca por exemplos, inspiração, apoio, acolhimento, troca de experiências, conhecimento e *networkings* são motivos que levam as mulheres a se organizar em movimentos e criar meios de se desenvolverem técnica e emocionalmente para melhor desempenho e protagonismo nas cadeias produtivas que atuam. Plataformas digitais com conteúdo especializado estão disponíveis para o público feminino e visam à capacitação, comunicação e integração das mulheres

rurais. Cursos, congressos, encontros, workshops, dias de campo voltados para o público feminino são exemplos de estratégias de transferência de conhecimento técnico, integração, troca de experiências e desenvolvimento pessoal.

Outro exemplo de mulher atuante no trabalho rural é Antonielly Rottoli. Sua história na pecuária teve início no Mato Grosso do Sul, apoiando o esposo nas atividades, principalmente na contabilidade da fazenda. A mudança para Rondônia em 2013, motivada pela compra de propriedade de 242 ha em Alto Paraíso, RO, foi o momento de sua transformação. A superação das dificuldades, o trabalho em família e as oportunidades abraçadas resultaram no desenvolvimento e ampliação do negócio da família na região (atualmente 4.500 ha para atividade pecuária), no seu aprimoramento técnico e no despertar do perfil de liderança. Além de pecuarista, Antonielly é bacharel em Direito, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Alto Paraíso e líder do movimento Agromulheres Rondônia, o qual surgiu de um grupo de 15 mulheres que estavam se organizando para participar do Congresso Nacional de Mulheres do Agronegócio em 2019. Para Antonielly, a participação no congresso foi um despertar de sua atuação na transformação da realidade regional e na motivação de outras mulheres do estado. O primeiro encontro, *Café com Conteúdo*, foi realizado em 2020 e reuniu mais de 150 mulheres. Em 2022, o segundo encontro, cujo tema foi *Produção sustentável na Amazônia pelo olhar delas*, contou com 300 mulheres inscritas e a participação de pesquisadoras que atuam na Amazônia e de referências nacionais em temas ligados ao

agro. Para Antonielly, o movimento Agromulheres Rondônia representa uma raiz que se fortalece, agrega e espalha, inspirando mulheres e levando conhecimento, simplicidade e amor. Sensível a alguns desafios de produtores rurais do município em que reside (Alto Paraíso) e vendo que poderia contribuir com sua experiência, Antonielly iniciou a mobilização para formação do sindicato dos produtores rurais. O sindicato foi cadastrado em 2022 e tem como diretrizes a capacitação, a educação, o reconhecimento e a valorização de pequenos e médios produtores rurais, assim como o apoio a demandas contratuais e de logística.

Inovações e as mulheres na pecuária

Apesar da palavra inovação atualmente estar muito relacionada a questões de tecnologias digitais, o conceito de inovação é muito mais amplo – diz respeito a encontrar uma nova forma de resolver um problema, gerando benefício para muitas pessoas e ainda agregando valor para quem inova. As mulheres sabem que é preciso investir na capacitação delas e das novas gerações para enfrentar os desafios da produção pecuária e que a inovação tem crucial relevância nessa jornada. Algumas inovações significam a execução do trabalho do dia a dia com conforto e economia de tempo para as mulheres rurais. Essa visão

da mulher, do cuidado, da preocupação com a educação, sua curiosidade, sua inquietude, esse novo olhar para o negócio, faz com que as mulheres ocupem cada vez mais espaços que antes eram predominantemente masculinos, fazendo com que a transformação pela inovação chegue ao campo.

A inovação acontece na pecuária desde muito tempo. Segundo Ana Nery Terra Souza (Figura 18), pecuarista em Maracaju, no MS, seu sogro foi pioneiro e inovador à sua época, trazendo a primeira geladeira, o primeiro trator e fazendo inseminação artificial há cerca de 60 anos. Ana Nery se considera uma pessoa muito curiosa, que sempre gostou de aprender, de ler, de estudar, e também muito participativa, estando sempre ao lado do marido na lida da fazenda. Atualmente, Ana Nery está à frente do setor de recursos humanos da fazenda, juntamente com sua filha Gabrielle, e ambas estão sempre trazendo inovação para dentro da porteira, tentando beneficiar os cerca de 130 colaboradores, levando educação de qualidade para seus filhos. Durante a pandemia, com o fechamento das escolas e a aceleração da educação on-line, conseguiu fazer parceria com uma fundação para manter os filhos dos colaboradores estudando. A fazenda fez investimento em internet, gerador de energia e computadores, além do investimento mensal para cada criança atendida. Ana Nery ficou tão feliz com o resultado e com o rápido desenvolvimento das crianças que vai continuar com o projeto mesmo no pós-pandemia.

Foto: Ana Nery Terra Souza



Figura 18. Ana Nery (à direita) ao lado da filha Gabrielle, pecuaristas, Maracajú, MS.

Na pecuária, trabalhamos com ferramentas de precisão para pesagem e acompanhamento individual dos animais, portanto o aprendizado das novas gerações deve estar conectado com este novo contexto, diz Ana Nery.

Para ela, a inovação vem da transformação do ser, que passa necessária e fundamentalmente pela educação.

Para as mulheres, as inovações facilitam e otimizam o trabalho diário no manejo dos animais. Francielle Ribas dos Santos, produtora de suínos em Piraí do Sul, PR, divide com o esposo e a sogra a gestão da propriedade com criação de 2 mil suínos (Figura 19). Ela conta que a exigência física da atividade cotidiana foi facilitada pela adoção de tecnologia de automação. Desde 2019, eles contam com

Foto: Francielle Ribas dos Santos



Figura 19. Francielle Ribas dos Santos (à esquerda) ao lado da filha Ana Alice e da sogra Regina, suinocultoras, Piraí do Sul, PR.

um robô alimentador na granja de suínos, e isso resultou em mais economia de tempo no manejo diário dos animais, além de melhor acompanhamento das atividades, maior produtividade e aumento do bem-estar aos animais, os quais ficaram mais calmos. Segundo ela, a automação facilitou bastante o trabalho, pois tornou mais agradável a distribuição de ração na granja, antes feita com baldes pesados, e deu agilidade na pesagem dos animais e no monitoramento do sistema por câmeras. Para ela, isso impacta diretamente na saúde e na qualidade de vida. Ela também participa de um grupo chamado Mulheres da Suinocultura que compartilha conhecimentos técnico-gerenciais e inovações para o setor, e tem adquirido muito conhecimento. Francielle tem uma filha de 10 anos, Ana Alice, que já se envolve nas atividades da granja, e diz que será veterinária e que vai cuidar da propriedade. Isso é motivo de orgulho para ela que acredita que mulher pode ser tudo o que ela quiser.

Cada vez mais mulheres têm participado no desenvolvimento de inovações para a agropecuária, sendo responsáveis pela fundação e direção de novos negócios. Apesar de os números parecerem tímidos, a participação delas nesse segmento ainda traz outras características singulares: elas são cada vez mais jovens, buscam novos espaços de atuação e trazem uma forma de liderança sensível aos aspectos do empreendedorismo sustentável. Em 2021, um levantamento realizado pelo Hub de inovação AgTech Garage, de Piracicaba, SP, apontou para o fato de que as

mulheres que geraram novas inovações no agro têm alto nível de escolaridade (39,4% com pós-graduação) e foco na inovação dentro da porteira (59%). Além disso, 53% delas apontaram o machismo como um grande desafio nesse ambiente de inovação (AgEvolution, 2022).

A bióloga Juliana Mattana, fundadora de uma startup focada na assistência de pequenos produtores, é um desses exemplos de empreendedorismo e inovação. Durante o período que fazia pós-graduação, teve a ideia de montar a empresa, junto com duas colegas. Ela diz que a ideia veio de uma inquietação sobre a falta de informação no campo para pequenos produtores. Elas publicavam artigos científicos em revistas, porém, as informações não chegavam ao produtor. Atualmente, a startup conta com 30 colaboradores, mais de 50% são mulheres, e atua em todo o Brasil, principalmente, na região Nordeste, onde o acesso dos pequenos produtores à assistência técnica é muito limitado. O recado da cofundadora para outras mulheres que pretendem inovar é não desistir.

O agro precisa de inovação, precisa de uma mudança de mentalidade – e, nesta mudança, a mulher tem um papel fundamental. É inovar na forma de produzir, trazer a sustentabilidade para a produção. A mulher tem esse olhar, não está preocupada somente com o ganho, mas também com o meio ambiente, com a sucessão, com o que vamos deixar para os nossos filhos. Ela cuida e colhe. Precisa ter mais disso no agro.

Mulheres na pecuária: pesquisa, extensão e assistência técnica

A princípio pode parecer estranho, mas a mulher também está no campo, pesquisando, ministrando cursos e palestras, ou prestando assistência técnica aos produtores rurais.

Para Karina Neoob, pesquisadora da Embrapa Gado de Leite, Juiz de Fora, MG, na área de bovinocultura, hoje parece ser mais fácil trabalhar em pesquisa com animais do que quando iniciou sua vida acadêmica em Medicina Veterinária, em 1987. Ela pontua que o maior desafio parece ser, ainda, conciliar filhos e produtividade no trabalho. Teresa Herr Viola, agrônoma e pesquisadora na área de nutrição de aves, na Embrapa Meio-Norte, em Teresina, PI, costuma dizer que a palavra que melhor define a mulher na pesquisa em pecuária é persistência, já que o maior desafio para elas é conseguir o respeito dos colegas, "... uma mulher ainda precisa 'provar' sua capacidade e seus conhecimentos para alcançar o mesmo respeito que os homens".

Para Maria Elizabete de Oliveira, graduada em Zootecnia em 1979, professora aposentada de caprinocultura da Universidade Federal do Piauí, o uso das tecnologias da

informação, instalações rurais mais amigáveis e maior grau de escolaridade no campo são, atualmente, aspectos facilitadores do dia a dia da mulher na pesquisa em pecuária.

Da assistência técnica às atividades pecuárias, a participação de mulheres ainda é rara. Segundo levantamento da Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (Asbraer)¹, a assistência técnica e extensão rural (Ater) no País tinha um total de 12.766 extensionistas em 2018, sendo 22,9% mulheres (2.926).

Ana Paula Roque (Figura 20), técnica da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), em Itapetininga, SP, diz que quando contou ao pai, produtor rural no interior paulista, que faria Zootecnia, ouviu dele: “Você vai ter muitos problemas!”. Mas isso não a impediu de seguir em frente. Na região, é a única técnica que presta assistência na área de bovinocultura de leite e conta que teve de superar muitas barreiras. Às novas profissionais, deixa um conselho: “Embase seu trabalho em tecnologia e conhecimento e vá em frente! Confie em você!”

¹ Disponível em: <http://www.asbraer.org.br>



Foto: Ana Paula Roque

Figura 20. Ana Paula Roque, zootecnista, Itapetininga, SP.

Bovinocultura de corte: o pioneirismo da mulher na atividade pecuária

A pecuária de corte, no Brasil, é uma atividade dominada por homens. Segundo dados do IBGE (2022), apenas 13,3% das propriedades com bovinos são dirigidas por mulheres. O contingente de trabalhadoras rurais na pecuária, certamente, é ainda menor. A “lida do gado é dura”, alguns justificariam. Ou pelo menos era. A incorporação de tecnologias modernas e o crescimento da demanda dos consumidores pelo bem-estar animal mudaram o paradigma da produção de carne bovina, tornando o ambiente muito mais acolhedor, inclusive para as mulheres. Muitas delas ajudaram a criar esse espaço, como é o caso da jovem Adriane Zart, médica-veterinária, que viaja o Brasil e o exterior divulgando sua técnica Nada nas Mãos, que consiste em usar o instinto do próprio bovino em favor do manejo dos animais, com muito menos estresse para eles e para os trabalhadores. Adriane é fruto de uma geração que seguiu os passos de outra mulher de renome internacional, a doutora Temple Grandin, a guru do bem-estar animal.

O pioneirismo dessas e outras mulheres na bovinocultura de corte veio acompanhado de uma grande dose de coragem e resiliência. Coragem para enfrentar um am-

biente que, há poucas décadas, ainda era hostil às mulheres. E resiliência para não desistir diante dos desafios e dos preconceitos. Não é incomum, por exemplo, ouvir relatos como o da pecuarista (ex-arquiteta), Dora Bileco, que assumiu a fazenda da família em Mato Grosso do Sul após ficar viúva. Com filhos pequenos, Dora teve de estudar, se capacitar e abandonar a própria carreira para dar continuidade aos negócios, antes comandados pelo marido. Encontrou muita resistência entre os funcionários, muitos dos quais pediram demissão por não aceitarem o comando feminino. Ela também relata que, para evitar ser colocada à prova, costumava ler os manuais de máquinas e equipamentos quando precisava contratar serviços de manutenção ou comprar peças para seus tratores. Para Dora, “a mulher é detalhista e quando toma decisão, é porque foi bem planejada”. Como ela também pontua, a mulher ainda é desvalorizada e precisa estar à frente para ser reconhecida e respeitada. “É como se tivéssemos que provar o tempo todo que somos capazes”, diz Dora. Atualmente, os filhos a ajudam na fazenda, e ela se diz realizada com os resultados que obtém e com a equipe que construiu.

Até então, muitas mulheres, assim como Dora, entravam na pecuária por meio da herança de seus pais ou de seus companheiros. No entanto, uma nova geração de jovens, que estuda, se forma e retorna às propriedades para recebê-las em processos de sucessão, está se consolidando. Esse foi o caso da médica-veterinária Aline Kehrle que, junto com seu marido e em sociedade com seu pai, comanda uma propriedade rural de 5 mil hectares em

Tocantins. Ela se formou, fez mestrado e morou fora do Brasil por 2 anos, quando decidiu voltar e implantar um sistema bastante inovador na fazenda que tinha sido de seu avô: o sistema ultra denso de pastejo rotacionado, preconizado pelo biólogo Allan Savory. Segundo relata, “fazer algo diferente de todo mundo já gera desconfiança; feito por uma mulher, então, mais ainda”. Mas, Aline mantém sua determinação de fazer a diferença: “Eu acredito muito no que a gente faz [na fazenda]. É muito difícil mudar o mundo inteiro. A gente só consegue mudar ao nosso redor”. Por experiência própria, ela aconselha às mulheres pecuaristas que se cerquem de pessoas que acreditem nelas e busquem espaços onde sejam bem recebidas. Vale lembrar que há, atualmente, muitos grupos de mulheres engajadas na agropecuária que promovem encontros técnicos, treinamentos e até congressos voltados exclusivamente para o público feminino. Com tudo isso, as mulheres vêm conquistando seu espaço e contribuindo com novas perspectivas para uma pecuária mais plural e diversa.

Considerações finais

As mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho e ocupam posições estratégicas e importantes nas empresas, indústrias e na agropecuária. A presença delas no mundo produtivo se intensificou nas últimas décadas e sua participação é cada dia mais atuante e decisiva, a despeito de todos os desafios que enfrentam na conquista de seu espaço.

Em comum, as diferentes histórias apresentadas aqui partilham a mesma questão: a mulher produtora, técnica ou pesquisadora ainda é vista com estranheza e desconfiança ao trabalhar em pecuária. Isso exige dela um esforço maior para provar seu conhecimento e valor – muito mais que de um homem. Mas também é notável a evolução em curso na participação e valorização das mulheres na pecuária, cujas pioneiras mostraram que o mundo da pecuária também é feminino.

Diferentes políticas públicas e ações têm sido propostas para dar suporte a essa evolução, como linhas de crédito específicas para mulher (Pronaf-Mulher), programas de assistência técnica para mulheres (Ater Mulheres, 2011) ou programas de certificação de produtos para a valorização do trabalho da mulher rural (selo Sipaf Mulheres Rurais, instituído em 2008 pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário do Ministério de

Desenvolvimento Agrário²; e selo Produzido por Mulheres Rurais, Embrapa Roraima e governo de Roraima, 2021³).

A Embrapa também tem se juntado a esses esforços para valorização das mulheres rurais (Arzabe et al., 2022). Existem, atualmente, várias ações em andamento: pesquisa para caracterização da participação e contribuição feminina na atividade pecuária; capacitação e transferência de tecnologias para produção pecuária e agroindustrialização; fomento a novas atividades produtivas e de geração de renda e agregação de valor; e, ainda, apoio à avaliação de qualidade de produtos artesanais. Além disso, é crescente a demanda por palestras, dias de campo e rodas de discussão dedicadas ao público feminino, o que tem despertado a atenção e novas iniciativas da Embrapa.

Outras ações ainda são necessárias para “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e

² Certificação derivada do Selo de identificação da participação da agricultura familiar (Sipaf), instituído pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (Ministério do Desenvolvimento Agrário), em 2008, destinado à mulher agricultora familiar ou formas de organização de agricultores familiares, desde que o quadro social seja constituído mais da metade de mulheres agricultoras familiares. Atualmente o selo chama-se Senaf Mulher. PORTARIA Nº 129, DE 7 DE MARÇO DE 2018: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=08/03/2018&jornal=515&pagina=4&totalArquivos=176>

³ Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/61119637/embrapa-roraima-realizara-lancamento-de-selo-produzido-por-mulheres-rurais-para-atender-mulheres-da-agricultura-familiar>

meninas”, conforme consta no ODS 5 da Agenda 2030⁴, documento assinado por 193 países, incluindo o Brasil. Tais ações direcionadas às mulheres rurais devem contemplar as especificidades de cada segmento pecuário e a diversidade das situações encontradas nas diferentes regiões do território brasileiro. Algumas ideias e/ou sugestões são mencionadas a seguir, organizadas em três eixos:

A – Pesquisa, Conhecimento e Inovação

- Ampliação de estudos sobre o papel feminino na atividade pecuária.
- Estímulo a linhas de pesquisa direcionadas para geração de soluções “poupa-força”: máquinas e equipamentos ergonômicos.
- Estímulo a linhas de pesquisa para geração de soluções para diversificar a fonte de renda da pecuária (agroindustrialização; aproveitamento dos subprodutos da pecuária, como couro e lã para produção de artesanato; produtos territoriais e de procedência, serviços ambientais, entre outros).
- Estímulo a pesquisa e iniciativas de novos modos de produzir na agricultura e do uso dos recursos tecnológicos e ativos produtivos, assim como renovadas formas de organização social e econômica, para fortalecimento de

⁴ Disponível em: <https://dados.gtagenda2030.org.br/5/>

iniciativas socioprodutivas arquitetadas por grupo de agricultoras familiares.

B - Educação, Capacitação e Comunicação

- Ampliação de espaços e/ou eventos específicos de capacitação para mulheres na pecuária, nos diferentes elos da cadeia produtiva.
- Inserção de ações que facilitem a participação das mulheres nas atividades de extensão rural, tais como escolha de dias e horários mais adequados, oferta de suporte para as crianças, evento restrito a mulheres e/ou ministrados por mulheres, entre outras.
- Ações de estímulo e capacitação para meninas na pecuária para preparar as novas gerações.
- Capacitação em tecnologias digitais a fim de preparar mulheres e meninas para nova geração de tecnologias.
- Capacitação em empreendedorismo social.
- Divulgação de informações e histórias de mulheres rurais para dar visibilidade às contribuições e gerar exemplos positivos para as novas gerações.

C - Promoção de Políticas Públicas e Legislação

- Ampliação de programas específicos de assistência técnica para mulheres.

- Ampliação de linhas de crédito específicas para mulheres voltadas ao acesso à terra, máquinas, equipamentos e insumos.
- Implantação de linhas de crédito específicas para mulheres voltadas ao acesso à habitação no meio rural.
- Regularização de documentação civil para as mulheres no campo.
- Implantação de programas específicos para mulheres para efetivação de posse da terra.
- Desenvolvimento de programas de agregação de valor, produtos de origem, certificações, entre outros, direcionados para mulheres.
- Implementação de programas específicos para suporte à atividade de cuidado, geralmente desenvolvidas pelas mulheres, tais como creches rurais, ações direcionadas a crianças com necessidades especiais no meio rural, espaços e/ou ações para acolhimento e cuidado de idosos, entre outras.

O trabalho produtivo na pecuária, desenvolvido pelas mulheres, ainda é pouco visível e pouco valorizado, embora de extrema importância. É preciso desenvolver meios e capacidades para que mulheres e meninas rurais tenham visibilidade, atinjam sua autonomia econômica-social e, assim, transformem as relações no campo, mas esse processo já está em curso. Uma coisa é certa: “Pecuária é trabalho de mulher, sim!”.

Referências

AgEVOLUTION. **AgTech Garage detalha perfil de mulheres inovadoras do agro**. Disponível em: <https://agevolution.canalrural.com.br/agtech-garage-detalha-perfil-de-mulheres-inovadoras-do-agro>. Acesso em: 1 set. 2022.

ARZABE, C.; NOGUEIRA, V. G. C.; ALVES, H. M. R.; SILVA JÚNIOR, E. C. **Iniciativas e projetos da Embrapa para mulheres rurais**. Brasília, DF: Embrapa, 2022. 20 p. No prelo.

IBGE. **Censo Agro 2017**: Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 set. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO BRASIL. **Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2020**. Brasília, DF, 2020. 75 p.



Embrapa

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA E
PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



CGPE 18324